

Cântaros de Junco

Poesia



HELENA ROTTA DE CAMARGO

Helena Rotta de Camargo

Cântaros de junco



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Helena Rotta de Camargo

Cântaros de junco

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetoassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Poesia. -Passo Fundo: Berthier, 1996. 72 p.; 21 cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3,0 Não Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 28/03/2013

Capa de: Declaine Tomé Soveral

C172c Camargo, Helena Rotta de
Cântaros de junco [recurso eletrônico] : poesia /
Helena Rotta de Camargo. – Passo Fundo : Projeto
Passo Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-73-8

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. 3. Literatura
gaúcha. I. Título.

CDU: 869.0(816.5)-1

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

APRESENTAÇÃO	9
CÂNTAROS DE JUNCO	11
REDESCOBERTA	12
NAVALHAS.....	13
AMOR VERSUS AMOR	14
VIOLÊNCIA URBANA.....	15
METRÓPOLE	16
IDENTIDADE	17
CAVALGADURAS	21
NOSTALGIA ESPAÇO-TEMPORAL.....	22
BENDITO SEJAS, SONO MEU!.....	23
PESO PESADO	24
FERROVIA.....	25
O POEMA: PRISMAS E CARISMAS.....	26
DE LÁGRIMAS E LENÇOS	27
CADAFALSO	28
ESPELHOS DO PASSADO.....	31
BABACAS	32
BICHO-MENTIRA	33
CONTEMPLAÇÃO.....	34
A NUVEM.....	37
DEBACLE	38
LUA CHEIA.....	39
ELE E EU.....	40
AUTO-DESTRUIÇÃO	41
SONHO BRANCO	42
ENTULHOS	43
PORTO INSEGURO.....	44
COMER BISCOITOS	45
A MILÉSIMA DOR	46
A PEDRA E O VIDRO	47
METAMORFOSE.....	48
SEXO FRÁGIL.....	49
RAÍZES FLUTUANTES	50
LUDISMO GASTRONÔMICO	51

SABEDORIAS.....	52
SORRISO DE CRIANÇA	53
ROTINA	57
HELIPORTO	58
DIAPASÃO INTERIOR	59
PSICOGENIA.....	60
DUALIDADE	61
EMBARGOS	62
ANIMAL DE ESTIMAÇÃO	63
RECOMEÇO.....	64
INTIMIDADES.....	65
Elbert HubbardALVORECER DO POEMA.....	67
MATURIDADE	70
ENCANTOS DA TREVA.....	71
FEDORES.....	72
BRISA DO SUL.....	73
MEMBROS INFERIORES	74
ESTRELA CADENTE	75
QUÍMICAS	76
ULTRAJES.....	77
NANISMO	78
VINGANÇA	79
AMOR MADURO	80

APRESENTAÇÃO

Quando conheci Helena - e com ela a sua poesia - já de cara eu as senti "quase prontas".

"Prontas" porque ambas já eram cheias de expressão e autenticidade. E "quase porque nada é pronto neste mundo de solavancos e limites. (Nessa hora, me lembro de um professor de anatomia que, com arrogância, dizia que a nota máxima é nove, porque dez a Deus pertence. Arrogância e fé à parte, a cada ano, me cresce a sensação de sua razão).

Objetivando: Helena sabia o que queria. Queria escrever poesia, como Jim Morrison que, no auge da fama, no meio de todas as portas abertas, só desejava o poema. Helena só queria transformar em palavra e ritmo cada uma de suas não poucas nem pequenas emoções. E conseguia. E com qualidades raras hoje em dia, nesses dias vazios de temas e ignorantes de forma. Helena enfim já começou chegando com um domínio de técnicas bem variadas, demonstrando desenvoltura nas formas já fixas de poesia e, conseqüentemente, nas formas quase livres, por ela inventadas. E tudo isso gravado em suas publicações.

Mas vinha com o seu "nosso quase de cada dia", e aí entra outro aspecto que desejo destacar, porque presente nesses CÂNTAROS DE JUNCO.

Na conversa com os outros poetas (pois Helena participou da Oficina de Poesia, e uma oficina de poesia quase não passa disso), recebeu umas sugestões que, como toda sugestão que se preze, eram discutíveis, suspeitas, talvez pretensiosas. A velha história de dizer de longe, de fora de onde a coisa acontece. Mas sempre válidas.

Lembro que uma delas foi no sentido de que buscasse mais a sua própria técnica em detrimento das já conhecidas, as quais, diga-se de permanência, conhecia profundamente e por isso mesmo ganhava o direito de ousar. E foi aí que Helena demonstrou uma nova raridade, essa ainda mais rara e mais bonita. Helena ouviu. E mudou. Quer dizer, continuou ela mesma, mas foi ousando ritmos novos e retirando o "quase" e colocando o "pronta", inclusive com leveza e humor.

Mas uma correção, antes que me julguem arrogante como aquele professor e, neste meu caso, sem o álibi do tempo. Não foi de mim nem de ninguém. Foi de si para si, na verdade, que Helena apurou os juncos até constituir seus novos cântaros. Vida e técnica não lhe faltavam para isso.

E isso hoje é uma delícia para nós, nessa hora prontíssima para colher os juncos e cantar os cântaros.

CELSO GUTFREID

CÂNTAROS DE JUNCO

Cada verso que emerge
e no papel deságua
é qual um pingo d'água
num cântaro ?e junco.

Aversa ao cativoiro
escorrega, ao acaso
a gota irreverente
pelas brechas do vaso.

É destino do poema
opor-se a toda grade.
Dos cântaros de junco
à plena liberdade.

REDESCOBERTA

Nas pegadas da esperança
caminhei sobre as águas
como Cristo.

Esquecida dos meus deuses
alienei-me de mim.

Hoje sei que existo.

NAVALHAS

As decepções que cortam meu barato
são navalhadas nos pulsos.

AMOR VERSUS AMOR

Dos amores todos
-verdades
ou engodos-
o mais degradante
é o amor paraplégico
de medula ressequida
braços sem abraços
corpo sem tesão.

Amor anestésico.

VIOLÊNCIA URBANA

Paixões violentas
violências mascaradas
doidas imagens
fétidas imagens.
Noites soturnas
fúnebres mensagens.
Desalmadas almas desalmadas.

METRÓPOLE

Badalos e clarins
põem em fuga
o último pesadelo.
Aquarelas em degrade
lavam o rosto do tempo.
Janelas devassadas
e cortinas cúmplices
da violação insolente
servem o desejo
de sempre.

Tropel de saltos e rodas
implodem, de repente
o fugaz encantamento.
Que ritual sarcástico
de feras soltas
paquidermes uivantes
bueiros fedorentos
canos cuspiendo gases!

Tique-taque ... tique-taque ...
Ufa! Ei-los, finalmente:
a mesa na calçada
acolhedora e confidente;
a cerveja, a manchete
o amigo, o relaxo

E o leito novamente.

IDENTIDADE

Quando as vontades se fundem
calam-se as diferenças
insinua-se o desejo
na gruta do prazer.

“Aprendi a buscar a felicidade limitando meus desejos, ao invés de tentar satisfazê-lo.”

Stuart Mill

CAVALGADURAS

O meu sonho de menina
era ter um cavalo alado
que brincasse com o vento
além do espaço e do tempo.

O cavalo eu tive, certamente
mas de asas atrofiadas.
Que galopava em círculos
não sabia voar
e só enxergava
o próprio umbigo saliente.

NOSTALGIA ESPAÇO-TEMPORAL

Quem me dera
voltar à terra
das casas simples
das ruas de lama.
Às geadas brancas
às noites longas
colchão de palha
(xixi na cama).

Quem me dera
voltar à terra
de tantas sombras
de tantas luzes.
Natais sem pompa
bonecas toscas
quintal de bichos
pulgas e moscas.

Quem me dera
vol tar à terra
dos meus amados
que já partiram.
Reaver sua história
em baús mofados;
nas forjas de aço
contar suas glórias.

BENDITO SEJAS, SONO MEU!

Como a vela bruxuleante
em sua vigília prolongada
pestaneja
e cochila
pela ação do vento

assim meu ânimo desperto
que vara as noites
da perplexidade
atento aos fantasmas andarilhos
subitamente esmorece
e titubeia
ao sopro do gélido abandono.

PESO PESADO

O peso dos anos não pesa.
O que pesa é o peso
da frustração obesa.

FERROVIA

Trem de linha, gato velho
ronronando, se estirando.
O lamento corta o vento
o apito grita uai...
Ele passa, nós ficamos.
Aonde será que ele vai?

Sua orquestra galopante
segue varrendo espaços
pelos prados descampados
e violando a solidão
nos altiplanos escassos.

Já na curva, o cemitério
(no portal vigia Morfeu),
tecendo sobre as tumbas
a névoa úmida do adeus.

Será que conseguirão os mortos
manter velados seus rostos?
Dormir seu eterno amém
com a alaúza do trem?

Logo adiante, na clareira
o comboio reaparece
açodado em sua sina
sobre a longa serpentina.
Segue em frente saltitante.
Sua zoeira excita à beça.
E a fanfarra recomeça.

O POEMA: PRISMAS E CARISMAS

A rima é prisma
que reflete o tempo
batido ou suave
tácito ou barulhento.

Carisma é a marca d'água
indelével, densa
que no poema se eterniza
quando
aos rituais da vida
o coração apensa
ideal e sentimento.

DE LÁGRIMAS E LENÇOS

Chora a cascata
lágrimas de prata.
Não cessam de vertê-las
os olhos do rochedo.

Glamour e glória
benesse e bênção.
Estendo o lenço
para recolhê-las.

CADAFALSO

Tem um nome simpático
a insidiosa enfermidade.
Remete a bola
escola
carambola.
Mais parece folguedo de pirralho.

Que pocilga terá procriado
o vírus malfadado?
A tragédia sangrenta
que achincha
o elixir dos fortes
o saber dos sábios?

Tal qual o carcinoma
e a guerra nuclear
a epidemia veio pra matar.

“A conduta é um espelho no qual todos exibem
sua imagem.”
Goethe

ESPELHOS DO PASSADO

A lembrança do passado
com sua lança nos transpassa.
Perfis traça de saudade
no cristal de seus espelhos
onde apõe dedicatórias
de apreço aos nossos velhos.

BABACAS

Quando a fêmea rompe
no esquadro virtual da esquina
o macho se pára de malandro.
Cai-lhe a máscara de forte
e eriça o pêlo felino.
De esperma inunda os testículos
intumesce a excrescência do sexo
e parte em perseguição da presa.

Babaca de carteirinha.

BICHO-MENTIRA

Toma corpo uma larva
quando a mentira lavra.

CONTEMPLAÇÃO

Os cantos vesperais
de som e luz
dos pássaros saudando
o anoitecer
reaquecem chamas
outrora sepulcrais
que afugentam
os lêmures da morte.

O hirsuto corpo
crivado de balaços
vedete de litígios
e cansaços
se ergue do ataúde silencioso:
sorrindo as faces alvadias
refulgindo os alamares da mortalha.

Os cantos vesperais
dos pássaros em coro
ecoando na copa
do pinheiro tutelar
testemunha
de muitas deserções
recobram, para o verso
e para a vida
o cadáver de vísceras roídas
sequioso de beleza e perfeição.

“O pranto pode durar uma noite, mas a alegria
chega com a manhã.”

Salmo XXX

A NUVEM

Quando a nuvem chora de tristeza
ou quando chora de vergonha
basta um sorriso do sol
para torná-la novamente
enamorada e risonha.

DEBACLE

O camafeu do meu
amor-paixão
por você foi triturado
no lagar da provação.

E o melodioso corpo
perfilado de desejos
emudeceu suas notas
desafinou seus arpejos
na plenitude
da sua maturação.

LUA CHEIA

A lua espiava a noite
com seu binóculo mágico
cor de nata
cor de prata
cor de lata.

Era uma lata cheia de brilhos.

ELE E EU

Meu pé pede valsa;
o dele, vanerão.

Eu gosto de violino
e ele, de violão.

Ele caiu no vício;
eu, dentro de um vulcão.

Ele, o furor do vento;
eu, brisa de verão.

Enquanto eu faço versos,
ele se faz vilão.

Eu já não sou mais virgem;
nem ele, meu varão.

AUTO-DESTRUIÇÃO

Dos cantões da consciência
embrutecida pelo vício
fluem gotas de sangue
desperdício
de espírito e carne
nos interlúdios opacos
da identidade em transe.

SONHO BRANCO

Garça de porte angelical
emanação de Marte
leveza e arte
voa sobre a saga fratricida
da humanidade esvaída
no seu próprio malquerer.

Mergulha após
na minha intimidade.
E suaviza
aquelas rugas pertinazes
que o tempo esculpe
sem piedade.

E sobraça e enlaça
furtiva garça fugitiva
aquele derradeiro
fio de alento
que teimoso se agarra
aos pilares do vento.

Voa, garça graciosa
sutil e vaporosa
que teu nome é ilusão;
e o sobrenome, encantamento.

ENTULHOS

Contemple a farsa que foi sua vida
nos escombros da casa destruída.

PORTO INSEGURO

Já se instalara a noite
quando desembarquei
no cais do porto desvairado
de falácias concretadas
em cimento armado.

Só a ousadia sobreviveu
sob os destroços do caos
ali, onde as esperas
jazem implodidas
pela dinamite dos maus.

Ao mirante do forte
sobranceiro e audaz
escuto os estrondos retardados
e contabilizo as perdas e danos
que deixei pra trás.

COMER BISCOITOS

Eu sei que você gosta de biscoitos.
Menina tola, vença a timidez!
Só no paraíso comer foi proibido
e quão saborosa descoberta
legou-nos o casal atrevido!

Nada instiga mais o ser humano
que mastigar o quitute do prazer.
E o rito que revela o êxtase
subjacente ao ato de comer.
E você com receio de entregar-se
ao gozo do biscoito apetitoso?

Esqueça as artimanhas da razão
e escute a voz do próprio coração.
Depois ... mordisca, deglute, saboreia.
E há de sentir como é gostoso
um piquenique sobre a areia.

A MILÉSIMA DOR

Víbora oceânica
sagaz, longilínea
presas aguçadas
retinas ígneas.

Pra fome satânica
o repasto predileto
são meus pobres moluscos
e indefesos insetos.

Me põe no chão, febril
o bote traiçoeiro.
Pensa ela, certamente
ter sido o derradeiro.

Engana-se a serpente
em achar que fui vencida:
ela - a milésima dor;
eu - na milésima vida.

A PEDRA E O VIDRO

Não jogaes pedra
no meu calo
pois que é de vidro
o teu falo.

METAMORFOSE

Fulano de tal
que admirado já foi
por sua empáfia real
derreteu e se arriou
como estátua de sal
e vive hoje em estado
de doente terminal.

SEXO FRÁGIL

Uma índia guerreira
de tacape em punho
capaz de virar o mundo
pelo avesso
é assim que enfrento
as hordas sanguinárias
dos átilas e neros.

RAÍZES FLUTUANTES

De naco em naco
fui deixando a vida
nas pinguelas que atravessei.

Espumoso e Tapera
Ibirubá e Carazinho
Santa Maria e Passo Fundo;
por fim, também Porto Alegre.

Náufrago anônimo
de mares distantes
aportei em praias
de venturas poucas
sonhos mutilados
e esperanças ocas.

Mas, acredite, não é o fim
de tudo quanto amei.
Hei de inventar ainda
a minha Pasárgada
onde serei mui linda
e mui amiga do rei.

LUDISMO GASTRONÔMICO

O som da água
jorrando da torneira
a música das panelas
atritando-se na pia
celebram, à revelia
a festa dos intestinos.

SABEDORIAS

De mandrágoras e pitágoras
eu não entendo nada.

Mas em mártires e cárceres
mestra sou graduada.

SORRISO DE CRIANÇA

A harmonia do teu riso
jorrando
sobre a melancolia do meu silêncio
empapa o solo árido
como a vertente dadivosa e rara
umedece de frescor
as areias do Saara.

“A ciência tranquiliza; a arte é feita para perturbar.”
Georges Braque

ROTINA

Intimida-me
a rabugice da rotina
com sua carranca
de leoa senil
visceralmente presa
ao rotundo umbigo
do fastio.

HELIPORTO

No heliporto desse peito
recoberto de gramas vadias
aterrissa o corpo
e se arrepia
- nave espacial vertebrada -
carne e sangue
motores em combustão.

DIAPASÃO INTERIOR

É uma ostra encapsulada
a minha alma atordoada.

É uma trufa amanteigada
a minha alma deslumbrada.

PSICOGENIA

Nem vai nem vem
fica!
Vaivém é uma gangorra
de inconstâncias
que nem Freud explica.

DUALIDADE

Rimar identidade
com cara-metade
é tarefa risível
e impossível.

EMBARGOS

Seu juramento de amor
(data vênia, doutor!)
foi tão intempestivo
deserto, preclusivo
no processo em curso
que me levou à decisão
de opor embargos declaratórios
por justa causa
e sem direito a qualquer recurso.

Aguardo agora, sine die
seja prolatada a sentença
da sua sucumbência.

ANIMAL DE ESTIMAÇÃO

Meu cão de estimação
não me estima mais.
Antes era dengoso
agora é raivoso.

RECOMEÇO

O tempo da desova
se aproxima.
Estaremos prontos
à produtiva piracema
nós, golfinhos vibráteis
entregues à sanha
dos vagalhões
achacados por maresias
e fragilizados nas redes
de traiçoeiros predadores?

INTIMIDADES

Íntimo gel
é tão íntimo
que vislumbra
canais subterrâneos;
agracia
ilustres desconhecidos;
e condecora oficiais
de batalhas inconfessáveis.

“Um país só é civilizado, quando gasta mais
dinheiro em livros que em chicletes.”

Elbert Hubbard

ALVORECER DO POEMA

Pendor, langor
ensejo, desejo
semente, repente
espirros, suspiros.

Festa, seresta
sentir, fluir
melodia, sintonia
paixão, criação.

Versos, reversos
rimas, enzimas
tema, POEMA
deleite, amei-te!

MATURIDADE

Hoje te presenteio
com um lencinho verde
tecido no tear
da maturidade.
Hás de ver nele
que a esperança não se perde
nem mesmo nos becos
da adversidade.

ENCANTOS DA TREVA

Dilui-se o dia
em negra tina de alcatrão.
Na praça, adormecem as paineiras
absortas em sonhos vitalícios.
Folhas caídas de um chorão
estalam beijos tardios.
Há calafrios
nas ruelas desertas.
Noctívagos inveterados
os pernilongos zunem
nos patamares.
Longe os grilos tecem
com sua cuíca mágica
rendas de flores e luare.

FEDORES

Quando a convivência
é uma merda repulsiva
não há diplomacia eficaz.
Emporcalha-se e fede
até o gesto lilás
da mão estendida.

BRISA DO SUL

Ó doce brisa do sul
que roça meu devaneio!
No galanteio
dessa mãozinha azul
me enleio.
Amoleço.
Estremeço.
E esqueço do tédio.
Que santo remédio
é a brisa do sul!

MEMBROS INFERIORES

"Dio, que gambe!"
Vulgaridade ou não
meu poder de sedução
se resume
a um par de pernas.

ESTRELA CADENTE

Igual a você, ninguém.
Só você mesmo
neném
com sua charla de sempre
botando banca de megastar.

Anda à cata de venturas
e venturas não encontra.
Busca o sol nos lupanares
mas o sol lhe sonega o brilho.

Nas suas cruzadas pagãs
só moinhos-de-vento
por escudeiros.
Em vez dos álamos
os absintos lhe estendem os galhos.

E na masmorra
infestada de ácaros
o pesadelo
toma o lugar do sono.

QUÍMICAS

Não sou de açúcar
mas me derreto toda
à quentura de um beijo

ULTRAJES

ULTRAJES

O lampejo da lua
recua
ao ultraje do urso
solar.

O estoicismo da esfinge
restringe
o ditoso desejo
de amar.

NANISMO

NANISMO

O nanismo é uma enfermidade
tanto física como mental.

Quem não quiser
ser a próxima vítima
pense grande e exorcise
sua tendência animal.

Do II Volume da
"Trilogia da Esperança"
Cântaros de Junco

VINGANÇA

Trago nas mãos ensangüentadas
o cansaço
de socorrer as vítimas
da estupidez.

Que a náusea do sangue
e do fracasso
condene à asfixia
sua mesquinhez.

AMOR MADURO

Quem disse que o amor
é melhor na mocidade
desconhece, por certo
a beleza dessa idade
que brilha como a noite
prateada de lua e majestade.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

HELENA ROTTA DE CAMARGO é formada pela Universidade de Passo Fundo em Letras Anglo-germânicas e Administração Escolar. Pós-graduada em Língua Portuguesa, exerceu o magistério em escolas de 1º e 2º graus, em vários municípios do Rio Grande do Sul. Foi Fiscal e Diretora de escola, Secretária Municipal de Educação, Supervisora e Delegada-adjunta da 7ª Delegacia de Educação. Trabalhou também como redatora do jornal “Folha Espumosenense” e, como cronista, escreve artigos nos jornais “O Nacional” e “Diário da Manhã”, de Passo Fundo. Em 1985 editou seu primeiro livro de poemas, SOL ENCOBERTO. É membro da Academia Passo-fundense de Letras e compositora da letra dos hinos oficiais do Município de Carazinho e da Universidade de Passo Fundo, escolhidos mediante concurso. Foi ainda a revisora da Lei Orgânica do Município de Passo Fundo. Professora estadual aposentada, é atualmente funcionária da Justiça do Trabalho, no TRT da 4ª Região.

